

Libertarismo - um novo campo para a extrema direita?



Por ROMARIC GODIN*

O pensamento libertário abre uma perspectiva para as classes médias ao defender uma suposta meritocracia, ao mesmo tempo em que oferece aos mais pobres uma saída para a inflação

As consequências da vitória de Javier Milei nas eleições presidenciais argentinas podem ser mais abrangentes do que as peculiaridades deste país sul-americano levariam a pensar. Ela poderá abrir um novo campo para a extrema direita no atual contexto econômico e social.

É claro que a Argentina é um caso único. A alta inflação endêmica, a paixão dos argentinos pelo dólar, a difusão do legado peronista e a sensação de decadência tornam difícil considerar este país como um “modelo”. No entanto, a vitória retumbante de um economista libertário não deixará de despertar o interesse da extrema direita global.

Durante várias décadas, a extrema direita foi gradualmente se dissociando do pensamento libertário. Nos Estados Unidos, o Partido Libertário permaneceu microscópico e sua influência no Partido Republicano foi fraca. Sob Donald Trump, prevaleceu um discurso protecionista que defendia a ação ativa do Estado e o controle do Banco Central. Essa tônica dominou na extrema direita americana.

Na França, a Frente Nacional (FN) de Jean-Marie Le Pen, que na década de 1980 reivindicou lealdade a Ronald Reagan e a Margaret Thatcher, reformulou sua retórica econômica em torno da defesa nacionalista da redistribuição e de um Estado forte também em termos econômicos.

Na própria Alemanha, o partido de extrema direita *Alternativa para a Alemanha* (AfD), fundado em 2013 por economistas liberais, vem se transformando em um partido focado em criticar a imigração por minar a proteção social dos alemães. O partido agora é nacionalista e afirma defender pequenas aposentadorias e financiamento para o sistema de saúde.

O fenômeno tomou formas diferentes em cada país, mas o discurso que alimentou a extrema direita em termos econômicos foi o da proteção à sombra de um Estado de bem-estar social reorientado para prioridades nacionais e étnicas. Essa lógica era compreensível. A crise do neoliberalismo e suas consequências nos anos 2000-2010 deixaram faixas inteiras da população para trás.

A extrema direita poderia então tentar se concentrar nessas vítimas do “capital globalizado”, da destruição do Estado de bem-estar social e da competição com a mão de obra imigrante. A visão libertária tinha pouco a ver com essa estratégia e foi rapidamente marginalizada, embora a extrema direita muitas vezes defendesse cortes de impostos de renda média. O Estado, como sede da soberania e agente de proteção dos cidadãos “reais”, ocupou um lugar central na visão da extrema direita diante dos ataques neoliberais.

O renascimento da crítica libertária do neoliberalismo

Mas a crise do neoliberalismo se acelerou, principalmente com a crise sanitária. A relação entre acumulação capitalista e apoio estatal direto tornou-se evidente e assumiu proporções consideráveis. Ao mesmo tempo, a emergência da inflação e a consequente crise nos padrões de vida em todo o Ocidente deram novo peso às críticas libertárias aos Bancos Centrais e monopólios. Foi a manipulação do Estado que agora impediu o estabelecimento de um capitalismo “justo”.

Essa visão foi ainda alimentada pelos efeitos das medidas restritivas e coercitivas adotadas durante a crise sanitária, que contribuíram para apresentar o Estado como um poder coercitivo que restringe a liberdade em geral e a liberdade econômica em particular. Esta visão é particularmente prevalente entre os jovens, as primeiras vítimas do confinamento.

Esse renascimento do libertarismo como um componente da extrema direita tem sido gradual e se materializado em certas comunidades, particularmente na comunidade de criptomoedas. Isso foi demonstrado por Nastasia Hadjadj em seu livro *No Crypto* (Divergences, 2022): a convergência entre o pensamento “*tecnogeek*” e libertário por trás das criptomoedas está alimentando círculos de extrema direita nos Estados Unidos e na Europa, mas também em certos países emergentes, como El Salvador.

Diante do *mainstream* neoliberal que exige cada vez mais a ação do Estado sobre a economia, mas também os termos soberania e protecionismo, o consenso neoliberal que levou ao triunfo dessas políticas entre 1980 e 2000 está se fragmentando.

Esse consenso era formado por círculos neokeynesianos que agora aceitam a primazia dos mercados, neoclássicos que se concentram na eficiência e racionalidade dos mercados, e alguns libertários (os históricos “neoliberais” com Friedrich Hayek e Ludwig von Mises) que só podiam aceitar as políticas de mercantilização e globalização.

Mas com a crise de 2008 e depois de 2009, este último tendeu a se tornar autônomo em torno da crise das políticas de flexibilização quantitativa e subsídios do banco central. Essa autonomização torna-se uma crítica ao “centro” neoliberal, que teria arruinado os efeitos positivos do mercado por seu estatismo e seu recurso à criação de dinheiro. Adquire assim um caráter profundamente “antissistema”.

Uma benção para a extrema direita?

Foi esse fenômeno que levou Javier Milei ao poder na Argentina. Mais uma vez, a situação da Argentina obviamente a torna um caso extremo, em que tal retórica é muito mais “audível”. Mas uma dinâmica semelhante não é impensável em outros lugares, onde a inflação grassou e o conluio entre Estado e capital é evidente.

Isso é ainda mais improvável porque o libertarismo tem todos os ingredientes necessários para a extrema direita. É um modo de pensar radicalmente que promove a desigualdade, que é rápido em justificar todas as formas de dominação interpessoal, geopolítica e econômica em nome do “mérito” individual. O racismo, a xenofobia, o sexism e o ódio aos “perdedores” e aos “pobres” - a retórica habitual e constante da extrema direita - encontram nele [uma justificação teórica](#).

Mas a direita radical também encontra no libertarianismo os meios para o marketing político e para desenvolver sua base eleitoral. A crítica “social” ao neoliberalismo colocou-o em competição com o que restava da esquerda, mas bloqueou seu acesso a uma parte das classes média e alta que desprezava o estatismo da extrema direita.

O interessante do pensamento libertário é que ele abre uma perspectiva para as classes médias ao defender uma suposta meritocracia, ao mesmo tempo em que oferece aos mais pobres uma saída para a inflação. Tudo isso pode até ser

embrulhado em uma unidade dupla.

A primeira é a rejeição de uma “casta” que dirige o Estado em benefício próprio, não só em detrimento do “povo”, como na crítica “social” ao neoliberalismo, mas também em detrimento dos “indivíduos meritórios”, o que permite reagrupar uma parte da burguesia que se sentiu alvo do clássico “populismo” da extrema direita e justificar a redução de impostos. mesmo para os mais ricos.

A segunda unidade é a rejeição do “wokismo” e do ambientalismo como “ditaduras estatais”, que é capaz de atrair todos aqueles que querem “mudança” sem mudar nem seu modo de vida nem seu modo de dominação, ou seja, um eleitorado profundamente conservador.

Uma extrema-direita competitiva e perigosa

Esta é a principal lição a ser aprendida com a vitória de Javier Milei: sua capacidade de conquistar eleitores da direita tradicional em massa e atrair uma grande proporção de jovens, independentemente de sua classe social. Isso é suficiente para dar trégua a mais de um movimento de extrema direita.

Por isso, parece difícil para a extrema direita ignorar as lições da vitória de Javier Milei. O libertarismo não é apenas capaz de renovar a capacidade de crítica aparente do sistema econômico, mas, como é uma crítica interna a esse sistema (uma crítica ao grau de mercantilização e não à natureza do sistema), é capaz de reunir círculos muito diversos.

Mesmo antes da ascensão de Javier Milei, vários movimentos de extrema direita tentaram combinar uma forma de radicalismo de mercado com nacionalismo étnico. Foi o caso da França com Éric Zemmour durante a campanha eleitoral de 2022, com sucesso misto, mas também, por exemplo, com o Partido Japonês de Inovação (Ishin), criado em 2015 e que obteve 14% nas últimas eleições gerais japonesas, em 2021, impulsionando-o para o terceiro lugar.

Houve também uma parte dessa evolução, a um nível mais moderado, no triunfo da Fratelli d’Italia no ano passado em Itália, especialmente na sua marcante distinção das posições da Liga sobre o atlantismo, a política fiscal ou a redistribuição social.

O regresso do pensamento libertário à extrema direita dependerá, naturalmente, de vários fatores, incluindo a história dos partidos, e será sempre “modificado” para se integrar na cultura nacional. Só pode ser tendencioso e oportunista.

Mas sua capacidade de atrair a direita da direita não deve ser negligenciada. E a vitória de Javier Milei pode anunciar a emergência mais geral de uma nova forma de extrema direita que é tão competitiva eleitoralmente quanto ideologicamente perigosa.

Romaric Godin é jornalista. Autor, entre outros livros, de *La guerre sociale en France. Aux sources économiques de la démocratie autoritaire* (*La Découverte*).

Tradução: **Eleutério F. S. Prado**.

Publicado originalmente no portal Sin permiso.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)